

CULTURA DIGITAL E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: O DESVANECER DA EXPERIÊNCIA NO TEMPO LIVRE

Raynara Tamyres Ferreira Neves^I
Fernando Cotta Trópia Dias^{II}

Resumo: A presente pesquisa objetivou analisar os impasses que recaem na experiência subjetiva frente à intensificação do uso das novas tecnologias no tempo livre. Esta assume os critérios de uma pesquisa de natureza qualitativo-descritiva, através de uma análise hermenêutico-dialética. Como técnica para aplicação e verificação do conhecimento científico foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada. A entrevista foi aplicada em seis indivíduos na faixa etária de 24 a 33 anos de idade. Ainda que as novas tecnologias produzam avanços necessários à ciência e conduzam a satisfações e maiores facilidades no cotidiano das relações a pesquisa buscou, contudo, discutir os aspectos objetivos e subjetivos que retrocedem às questões ditas humanas já que ecoa, ainda, as diversas perdas qualitativas no modo de vida da sociedade atual. Torna-se importante o reconhecimento das questões que atestam a realidade social e constituem a subjetividade, para melhor compreensão do que envolve o sofrimento do indivíduo, para que à atuação da psicologia não seja baseada somente numa lógica própria do indivíduo, inatista, mas também nos determinantes históricos intrínsecos em sua constituição meio a sua historicidade. Os resultados indicam que a produção de indivíduos automatizados pela *indústria cultural*, acentuada pela intensificação do uso das novas tecnologias no tempo livre atesta, como consequência, o empobrecimento de experiências capazes de contribuir para a formação de uma subjetividade diferenciada. Com o rebaixamento de estímulos que se voltem à criatividade e ao espontâneo, intensificado pelos meios de distração tecnológicos, há também um rebaixamento da capacidade de reflexão crítica.

Palavras-chaves: *Experiência; Subjetividade; Novas tecnologias; Tempo livre; Teoria Crítica da Sociedade.*

Abstract: The present research aimed to analyze the impasses that fall in the subjective experience before the intensification of the use of new technologies in free time. This accepts the criteria of a qualitative-descriptive, through a hermeneutic-dialectical analysis. As a technique for application and verification of scientific knowledge, a semi-structured interview script was used. The interview was applied in six individuals in the age group of 24 to 33 years. Although the new technologies produce necessary advances to the science and lead to satisfactions and greater facilities in the quotidian of the relations, research has, however, sought to discuss the objective and subjective aspects that go back to human issues, since it also echoes the various qualitative losses in the way of life of today's society. It becomes important to recognize the issues that attest to social reality and constitute subjectivity, to better understand what involves the suffering of the individual, so that the performance of psychology do not be based only on the own individual's logic, innate, but also on the historical determinants intrinsic in its constitution through its historicity. The results indicate that production of automated individuals by the cultural industry, accentuated by the intensification of the use of new technologies in free time, attest as a consequence, the impoverishment of experiences able to contribute the formation of a differentiated subjectivity. With the reduction of motivation that are turned to creativity and spontaneous, intensified by the means of technological distraction, there is also a reduction of the capacity for critical reflection.

Keywords: *Experience; Subjectivity; New technologies; Free time; Critical Theory of Society.*

^I Autora: Graduada em Psicologia- Faculdade Ciências da Vida- Sete Lagoas/ MG.
Email: raynaraneves@yahoo.com.br

^{II} Orientador: Mestre em Psicologia – Universidade Federal de São João del Rei – PPGPSI -Processos Psicossociais e Socioeducativos, 2014.
Email: fctropiadias@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Ao compreender, pela ótica de interlocutores com vertente na teoria de uma psicologia social crítica, a constituição da subjetividade e suas limitações frente a um processo de cultura danificado pela racionalidade instrumental da sociedade existente, reconhecem-se as dificuldades de realização dos indivíduos frente às questões impostas pela cultura e seus meios de dominação. A incapacidade para a realização de ações que contenham prazeres envoltos por experiências subjetivas carregadas de sentidos e significados torna a vivência permeada por sofrimentos decorrentes da falta de maiores estímulos para a constituição de sujeitos autônomos.

Compreendendo a experiência como potencial para conhecimento crítico que reflete a capacidade do indivíduo em lidar com as questões próprias da existência, esta vem sendo perdida em meio à automatização e sua adequação a padrões de comportamentos sem reflexão para movimentação da existência em busca do novo. A produção de indivíduos automatizados pela *indústria cultural*, acentuada pela intensificação do uso das novas tecnologias no tempo livre atesta, como consequência, o empobrecimento de experiências capazes de contribuir para a formação de uma subjetividade diferenciada.

Ainda que as novas tecnologias produzam avanços necessários à ciência e conduzam a satisfações e maiores facilidades no cotidiano das relações cabe, contudo, discutir os aspectos objetivos e subjetivos que retrocedem às questões ditas humanas já que ecoam, ainda, as diversas perdas qualitativas no modo de vida da sociedade atual, através das relações postas dos homens entre os homens e do progresso material erigido até o presente momento histórico, que é capaz de ofertar melhores condições a uma existência mais digna. Sendo assim sobrevém, portanto, a seguinte questão: quais os impasses, meio a constituição da subjetividade, que recaem na experiência frente à intensificação do uso das novas tecnologias no tempo livre? Tal reflexão se abre haja vista os empecilhos para a experiência, entendida enquanto produção de conhecimento para algo novo e que remeta ao espontâneo, oferecendo condições de ruptura frente aos padrões sociais correntes, tais como percebidos pelos modismos de uma época, em que as relações intersubjetivas coexistem com as demandas da racionalidade do trabalho, acentuando, como exemplo, as exigências de perfeição, onipotência e polivalência como requisitos necessários ao ideal do *Eu*.

Para esse empreendimento, compreende-se, por meio das considerações de Crochík

(1998), que a psicologia, grosso modo, é a ciência que tem como objeto de estudo o indivíduo, a subjetividade, e basear a causa do sofrimento psíquico, através das variadas formas de dominação existentes na sociedade a partir de uma lógica própria do indivíduo, é recair em ideologia, pois exclui os determinantes intrínsecos da realidade social e seus aspectos irracionais, responsáveis pelos sacrifícios infundados dela decorrentes. Desta forma, torna-se importante o reconhecimento das questões que atestam a realidade e constituem a subjetividade, para melhor compreensão do que envolve o sofrimento do indivíduo, para que à atuação da psicologia não seja baseada somente numa lógica própria do indivíduo, inatista, mas também nos determinantes históricos intrínsecos em sua constituição meio a sua historicidade.

Portanto, o objetivo geral da presente pesquisa é analisar os impasses que recaem na experiência subjetiva frente à intensificação do uso das novas tecnologias no tempo livre. Como eixos que se desmembram desse objetivo geral, assinalam as novas tecnologias utilizadas como distração, além de investigar, ainda, os paradoxos da intimidade na contemporaneidade e os empecilhos entre a ideologia e experiência ante as relações intersubjetivas. Por se tratar de uma pesquisa imersa no campo teórico, esta assume, de maneira correlata, os critérios de uma pesquisa de natureza qualitativo-descritiva, através de uma análise hermenêutico-dialética, própria do respectivo referencial teórico aqui adotado. Além disso, utilizando como acréscimo ao estudo realizado, a entrevista semiestruturada aberta, que é uma técnica que auxilia na aplicação e verificação do conhecimento científico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Reconhecendo, através dos autores da *Escola de Frankfurt*, a semiformação como um processo danificado pelas exigências de uma cultura racionalmente organizada pela inversão de meios e fins, destacam-se aqui as contradições postas na experiência subjetiva, compreendidas dentro dos limites para a viabilidade de constituição de um indivíduo autônomo (CROCHÍK, 1998). A não apropriação do sujeito referente às suas questões mais íntimas denuncia a dominação existente em uma sociedade calcada em renúncias e sacrifícios infundados. Os indivíduos, marcados por um processo de civilização fundado nestes sacrifícios para a manutenção do todo, refletem a condição de assujeitamento ao atender expectativas alheias às suas reais pretensões, anulando assim a possibilidade de maiores

realizações carregadas de significados próprios em benefício das questões postas pelo social e o ritmo de vida imposto pela dinâmica do trabalho.

Na manutenção do estado atual da sociedade e como modo de controle da destinação do tempo dos indivíduos está a indústria cultural que é mediadora da adaptação do indivíduo à cultura. Seu conceito foi amplamente discutido pelos autores da teoria crítica da sociedade que compreendem por indústria cultural a indústria responsável pela produção da cultura que tem como finalidade a geração do lucro, ou seja, a indústria produz cultura transformando-a em mercadoria, logo esta acompanha o ritmo de produção das fábricas, e passa a ser produzida em massa. Com a produção em massa o que ocorre é a padronização do conteúdo a ser repassado para a sociedade, conseqüentemente há um baixo nível de formação e conteúdo, já que por incorporar a lógica da produção cultural, o indivíduo passa também a padronizar-se (TRÓPIA-DIAS, 2014).

A cultura que deveria ser fonte de estímulos que guiassem à emancipação do homem passa então a ser meio de controle através da indústria cultural. O que se perde é a possibilidade de uma educação cultural que direcione o indivíduo a uma maior autonomia, já que os conteúdos produzidos conduzem à busca por uma felicidade adaptada aos meios de consumo, ou seja, há estímulos suficientes para padronizar comportamentos e quase nenhum estímulo para diferenciação do sujeito. Com a produção de comportamentos economicamente estabelecidos, bem como estilos e modos de ser, há o rebaixamento da capacidade de reflexão crítica que possibilite uma existência pautada nas satisfações de desejos com sentidos e significados próprios ao indivíduo. A indústria cultural participa então da formação de sujeitos alienados e conduzidos pelo capitalismo, há uma perda da capacidade de experiências capazes de contribuir na formação de uma subjetividade voltada à diferenciação.

Parte-se aqui do princípio da subjetividade numa compreensão histórico-social muito mais ampla do que a submissão na qual vem sendo submetida pelo saber concreto, o qual excluiu determinantes importantes intrínsecos na sua constituição. A lógica da subjetividade vem sendo reforçada por meio da fixação às prescrições de sentir, fazer e agir na era da técnica. A banalização do termo se dá justamente pela banalização da compreensão do que vem a ser a subjetividade em meio às práticas organizadas em conformidade com a cultura, que favorece o aprisionamento do indivíduo e sua automatização em benefício da realização do progresso do mundo capitalista (DRAWIN, 2013).

Historicamente, o avanço tecnológico trouxe diversos benefícios para as elites sociais através de processos de dominação, nos quais se utilizam da cultura para manutenção das relações de poder e reprodução de riquezas. Logo, a cultura digital é um fenômeno histórico

que surgiu como modo de manutenção do sistema capitalista (PEDROSO, 2013). Obviamente que a tecnologia trouxe diversas facilidades e benefícios de modo geral, contudo, há perdas qualitativas no modo de vida da sociedade, já que esta se tornou ferramenta importante na propagação de modos de comportamentos economicamente rentáveis a classe dominante. Através dos meios tecnológicos absorvem-se ideais de modos de ser e agir na contemporaneidade, os quais são reforçados a todo instante pela busca incessante da ideológica felicidade, que é vendida pelas classes dominadoras como *status* de poder através de atividades e meios de exposição que complementam a vida do indivíduo. A cultura digital age, então, como formadora de subjetividades, direcionadas à manutenção do sistema capitalista através da reprodução de comportamentos economicamente estabelecidos.

Com o avanço da tecnologia, o modo de vida da sociedade moderna também foi reconfigurado. Acompanhando a rapidez das informações, produção em massa e toda agilidade técnica, as relações do sujeito com o objeto acompanham a lógica imediatista, que busca resultados de forma rápida e em maior número possível. O que se perde é a possibilidade de maturação do contato do sujeito com o objeto através das experiências, pois quase não há estímulos para busca de uma compreensão da existência desvinculada do progresso material. A sociedade incorporou de tal modo à lógica da troca, na qual o que está em jogo é o lucro, *status* e poder, que a existência passou a circular em volta da competitividade. Há inúmeros estímulos para se adequar a determinado estilo de vida, agir, vestir, sentir e apenas sobreviver no “caos” da vida organizada com base no regime do lucro, e quase nenhum estímulo para o novo, para experiências que mobilizem o indivíduo à reflexão, contemplação, criatividade e a capacidade de vivenciar o momento de modo a proporcionar impressões na memória psíquica (TRÓPIA-DIAS, 2014).

A capacidade de realização do indivíduo está intrinsicamente atrelada à experiência, visto que é através dela que se pode permitir a realização dos desejos ocultados pela racionalidade da sociedade existente. Assim como expresso por Moura (2011) em suas reflexões sobre a experiência, a mesma é a que abre campo para realização do sujeito, pois somente através dela que o indivíduo pode refletir sua existência no mundo, já que o contato consigo propicia a busca por sua identidade, que por ser mediada pela cultura muitas vezes se confunde e não apresenta condições para a auto realização, que só é possível quando as demandas do sujeito se desconectam das demandas sociais. Além disso, o contato do sujeito com a experiência permite o reconhecimento do próprio *Eu* como gerenciador da sua vida, ou seja, contribui para que o indivíduo se assenhore de sua existência e se diferencie do modo de ser e agir ditado pela sociedade do consumo.

O autor Trópia-Dias (2014) cita a experiência como fundamental na formação de indivíduos críticos. Com o rebaixamento de estímulos que se voltem à criatividade e ao espontâneo, há também um rebaixamento da capacidade de reflexão. Além disso, o autor afirma que é através da experiência genuína que o indivíduo pode reagir de modo consciente em relação a sua vida, pois a mesma “o inclinaria a pensar, o modificaria, o ensinaria e extrairia dele potencialidades antes desconhecidas que acabariam por estimulá-lo a novas descobertas” (p. 47).

Contudo, o indivíduo na sociedade atual busca corresponder, através da adaptação ao que se impõe como modelo de modos de ser e agir, à lógica na qual se instala a supressão da capacidade de reflexão e imaginação para tornar-se apenas receptor de modelos pré-definidos de relações com o mundo. Por medo, busca-se proteger daquilo que é visto como diferente, buscando se encaixar a todo o momento no sempre-igual das relações estabelecidas pelo mundo capitalista, através de ações constantes de mecanismos de defesa psíquica. Ou seja, na busca por segurança e manutenção da atual condição da sociedade, o indivíduo abre mão, em larga medida, de vivências e experiências nas quais possuem significados e sentidos próprios, produzindo e absorvendo realizações muitas vezes contrárias aos próprios desejos (CHAVES, 2004).

A incapacidade de diferenciação do indivíduo assim se estabelece, justamente, no contexto que denominamos como o tempo de lazer, tempo este que deveria ser contemplado com experiências capazes de contribuir na constituição de indivíduos autônomos, visto a fragilidade e a regressão psíquica aclaradas no rebaixamento da criticidade e da reflexão sensível, na atrofia da imaginação, da fantasia e da cognição parcimoniosa, dadas as necessidades de se adaptar prontamente ao princípio de integração e manutenção dos comportamentos economicamente racionais (TRÓPIA-DIAS, 2014). O que poderia ser um tempo de experiências se tornou mais um tempo de produção, pois a tecnologia utilizada como meios de distração no tempo livre, especificamente nas redes sociais, tem um papel importante nos modos de subjetivação do indivíduo, visto que através destas que a competitividade das relações se intensifica na busca pelo poder, *status* e aparência de felicidade e liberdade. O tempo livre tornou-se também o tempo de produzir imagens, ideias, estilos e comportamentos repetitivos na busca de se manter a liberdade de aparências que aprisionam a essência que se perde em meio aos dias demasiadamente iguais.

Em meio à condição atual da sociedade, que impõe a aceleração do modo de vida do indivíduo, através do que Matos (2009) denomina como a “contração do tempo”, a experiência se torna raridade meio à corrida do dia a dia, pois tem-se mais e mais atividades

vazias de significados próprios que devem ser reiteradamente repetidas no prolongamento do tempo, e essa condição apresenta-se não só na esfera do trabalho, como também no denominado tempo livre. Considerando a experiência como a verdadeira “parteira” da novidade, as barreiras para a realização desta trazem a mesmice contraída em um tempo de reproduções de algo mecanizado, pois a experiência genuína é aquela que não corresponde somente a estímulos para sobrevivência, mas sim o que permite a constatação de algo para além do já conhecido, que permite a alteração daquilo que se encontrava antes e agora transcende ao ato do mero sobreviver (SILVA, 2011).

A aceleração do tempo ocorre justamente pela configuração deste como mercadoria rara na sociedade que incorporou a lógica de produção como modo de sobrevivência, pois busca-se a todo tempo alcançar a felicidade ofertada através dos meios de consumo. Além de estabelecer modos de organização em meio ao mundo capitalista, o tempo tornou-se, como mencionado, mediador dos modos de agir, hábitos, estilo de vida e regulador da experiência subjetiva do próprio tempo através do uso das tecnologias (SEVERIANO, 2013). A tecnologia tornou-se meio para inserção do indivíduo no meio social através das redes sociais. Acompanhando a sociedade que utiliza dessas tecnologias para matar o pouco do tempo que resta meio a rotina do trabalho, o indivíduo perde parte de sua existência utilizando-se das redes sociais. Através destas é que há a absorção de comportamentos economicamente racionais e estabelecimento de relações precárias, já que estas não contêm sentidos e significados que contribuem para a formação da subjetividade autônoma, mas que são baseadas na superficialidade.

O então tempo livre, acima mencionado e reconhecido como contraposto do tempo do trabalho, remete a uma destinação para a liberdade e lazer; contudo, a utilização desse tempo atrela-se ao tempo do trabalho, visto que este é utilizado para retomada de energias para nova rotina de produção e também meio de controle dos desejos dos indivíduos através da exposição de modos de ser, o que escapa a possibilidade de contemplação, descanso e reflexão crítica e criativa (TRÓPIA-DIAS, 2014). Em meio à organização do tempo livre, frente às novas tecnologias como elementos de distração organizados pela indústria cultural, o indivíduo concebe seus espaços como potencial de liberdade de ação e constituição de vínculos próprios e necessários à formação humana. Porém, ao destinar o tempo para ações que não constituem reflexões sobre o modo de vida em que se encontram e ao não permitir também maiores brechas para a concepção do novo, a experiência, base para constituição do sujeito autônomo, se perde em meio às infundadas ações humanas, trazendo consigo uma regressão psíquica refletida na prontificada adaptação ao existente, pois através das redes

sociais os indivíduos buscam se encaixar na sociedade incorporando as ideias e modos de ser vendidos pela lógica capitalista.

A aceleração do tempo acompanha a efemeridade das relações do sujeito com o objeto e com o outro. Visto que a experiência, como explicada por Moura (2011), se dá em dois momentos: o primeiro através do contato com o objeto, reconhecendo sua sensibilidade; e o segundo através do contato com a realidade do objeto, que ocorre em maior profundidade, pois permite o reconhecimento de suas características reais, sua verdade e a compreensão de suas tensões. Logo, a aceleração do tempo e a necessidade de resultados imediatos tornam-se um impasse para a maturação desse contato com os objetos e com os outros. As questões relacionadas ao humano se tornam prisioneiras da efemeridade imposta pela aceleração de uma sociedade que acompanha o ritmo de produção, e por esse dito contato com os objetos e com os outros torna passível abrir-se questionamentos sobre a existência, a condição humana e a efemeridade das relações intersubjetivas atuais, em face da amplitude de oferta e uso das novas tecnologias em nosso cotidiano, em específico aqui, na análise destas implicações na ordem do tempo livre.

Desse modo, como mencionado acima, pode-se tratar à experiência como o contato para além da sensibilidade imediata do objeto, contato que transcende as camadas externas que, na maioria, se sobressaem em meio à superficialidade das relações numa sociedade cuja aceleração do tempo, como mencionado por Severiano (2013), tornou a existência na metáfora da esteira de um *hamster*, pois aceleramos cada vez mais o nosso dia a dia em vão, já que não se sai do lugar. Essa aceleração do tempo, que implica na superficialidade das ações, experiências e que também recai nas relações, atesta a escassez de atividades que produzam sentidos e significados realmente válidos para constituição de indivíduos autônomos. As relações se processam através de rápidas mensagens, na efemeridade das redes sociais, que, substituem, na atualidade, o verdadeiro contato com o outro, para uma alteridade já perdida. Tal fato nos traz a reflexão sobre o quanto as relações, que aparentemente se expandiram através da utilização das redes sociais e aparatos midiáticos, carregam verdadeiros afetos e permitem uma experiência genuína voltada para a diferenciação, ou seja, para a autonomia dos indivíduos.

Como levantado por Sennet (1999), a crença que se instalou na sociedade, cuja a técnica é considerada a evolução social e humana, é de que a proximidade entre as pessoas é um bem moral. Projetando tais ideias sobre uma aparente ideologia da intimidade, que o autor cita em sua obra, nos tempos atuais, pode-se perceber o quão as relações têm se destacado por aproximar as pessoas de maneira superficial, através das redes sociais e aplicativos de

relacionamentos, ao mesmo tempo em que remetem a um afastamento do outro, em detrimento do reconhecimento sobre suas questões mais íntimas expostas em redes sociais. A intimidade, que pode ser potencial para a experiência, através do contato com a realidade do outro e sua essência, é ignorada nesses aspectos em benefício das relações pautadas na superficialidade da aparência, individualismo e fugacidade em meio ao princípio de integração narcísico fomentado via produtos da indústria cultural.

O indivíduo, meio a prescrições de comportamentos, se perde nas relações, já que estas são baseadas nas formas de relacionar-se impostas como padrões na sociedade. Ainda, a tecnologia e seus meios de comunicações têm abreviado a capacidade de relacionar-se intimamente com o outro, já que através de aplicativos de relacionamentos e redes sociais, o que se apresenta é o que se deseja ser e não a realidade aprisionada pelo próprio indivíduo que, por medo, não se permite direcionar ao novo e permanece na repetição de relacionamentos muitas vezes superficiais e efêmeros.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A elaboração de uma pesquisa requer, no contato com a realidade, estabelecer as tensões e contradições do objeto a ser pesquisado, demonstrando os procedimentos metodológicos que orientarão a análise da argumentação de forma lógica e consistente. Um dos meios de se buscar a ordenação do conhecimento sobre o objeto a ser estudado é através da revisão bibliográfica, momento em que a problemática elaborada pelo pesquisador é sistematizada para um levantamento de dados e conceitos pertinentes ao objeto de estudo na busca de respostas. Além disso, utilizando como acréscimo ao estudo realizado, a entrevista semiestruturada aberta que é uma técnica que auxilia na aplicação e verificação do conhecimento científico. A entrevista aplicada foi elaborada com base nas categorias de análise retiradas do referencial teórico.

Como técnica para aplicação e verificação do conhecimento científico foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada. A entrevista foi aplicada em seis indivíduos na faixa etária de 24 à 33 anos de idade. Seguindo padrões éticos, foi colhida a autorização dos entrevistados através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Através de uma entrevista aberta, o pesquisador tem flexibilidade para adequação das perguntas a cada caso específico, permitindo que esta decorra a partir das variáveis dependentes da personalidade do

entrevistado, já que as respostas são organizadas a partir das vivências subjetivas do entrevistado ao tema perguntado (BLEGER, 2003).

Após a coleta dos dados realizada através das entrevistas, a análise das categorias que estão por dentro de uma perspectiva crítica, se deu na seguinte divisão: experiências; uso das tecnologias; modos de subjetivação; ideologia da intimidade; as mesmas analisadas a partir do método hermenêutico-dialético. Ao investigar quais os impasses que recaem na experiência subjetiva frente à intensificação do uso das novas tecnologias no tempo livre, esta assume, de maneira correlata, os critérios de uma pesquisa de natureza qualitativo-descritiva, através de uma análise hermenêutico-dialética.

A proposta do método dialético, segundo Voirol (2012), caracteriza-se como um procedimento que está em contínua mudança, pois pensa a realidade não como algo estático. A teoria se apresenta como parte de uma exploração do conhecimento que não pode ser considerada completamente finalizada e bem sucedida, além de produzir um diálogo entre polos distintos de um mesmo objeto. Ainda, segundo Minayo (1996), a proposta do método hermenêutico-dialético pode ser considerado como o método mais eficaz na interpretação aproximada da realidade, já que através deste se busca a compreensão e interpretação dos dados, como conteúdo textual e falas das entrevistas. Através dessa metodologia se coloca a fala no contexto trazido na pesquisa para compreender sua realidade interior e no que concerne a seu campo histórico e totalizante, em que se é produzida.

Uma vez delimitado o objeto de estudo desta pesquisa, cabe ressaltar os aspectos que compõem o respectivo referencial teórico metodológico aqui utilizado, referendado por autores interlocutores da então denominada *Teoria Crítica da Sociedade*. Tal proposta se sustenta através de um pensamento crítico sobre a realidade existente e seus determinantes históricos, reconhecendo os limites de um sujeito prisioneiro das condições impostas pelo processo de semiformação que tende a inverter meios e fins. Portanto, o pesquisador objetiva o alcance das condições de transformação da realidade, ao desvelar a herança da razão dominante e suas reminiscências nos tempos atuais, como impedimentos da realização do indivíduo e da cultura, com vistas à emancipação dos homens dentro das condições materiais já dispostas para tal concretização (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999).

Portanto, para a consecução da proposta de pesquisa aqui apresentada, foram realizadas buscas de artigos e literaturas no banco de dados *Scielo* e outras revistas científicas. Os descritores utilizados para a busca de literaturas pertinentes ao tema são: *Experiência; Subjetividade; Novas tecnologias; Tempo livre; Teoria Crítica da Sociedade*.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para análise das informações colhidas através da entrevista semiestruturada realizada com seis indivíduos, as categorias analisadas, a partir do método hermenêutico-dialético, foram divididas da seguinte forma: Experiências; Tempo livre; Uso das novas tecnologias; Modos de subjetivação e Ideologia da intimidade.

Como mencionado no referencial teórico, a capacidade de realização do indivíduo está intrinsecamente atrelada à experiência, que possibilita a instauração de reflexões acerca do modo de vida em que se encontra, modificando-o e impulsionando o indivíduo na busca de novas vivências capazes de contribuir para uma formação subjetiva com maior autonomia. A questão da experiência na vida do sujeito está atrelada não somente ao contato com o objeto, mas também ao contato mais profundo com o outro e, conseqüentemente, consigo mesmo. Além disso, através do contato com a realidade, tensões e contradições do objeto, o que se diferencia das relações atuais que se pautam na troca e por isso são superficiais, há uma possibilidade de auto reflexão sobre si e sobre o outro. Compreendendo o outro como objeto que também constitui o eu, permite o reconhecimento do outro em suas diferenças e enquanto contribuinte na formação, ou seja, o outro em suas diferenças constitui o eu, logo o eu tem responsabilidade para com a formação do outro e vice-versa. Isto fica evidente através da fala na entrevista com A, onde relata que o contato mais profundo com o marido e o conhecimento adquirido através de estudos modificou sua percepção de mundo. Trecho da entrevista: *“Depois dessas experiências sou outra pessoa. Algumas coisas não sabia lidar, não sabia me expressar. A partir do contato com meu marido, contato com a faculdade, compreendi coisas novas... a forma de perceber o mundo tornou-se diferente.”*

A partir da fala exposta acima, pode-se inferir que o contato mais profundo com o outro permitiu que A conhecesse a si mesma, já que no estabelecimento de relações precisou se posicionar frente a situações novas e inesperadas, o que permitiu um conhecimento de suas tensões, realidade e contradições. Além disso, o conhecimento elaborado a partir dos estudos na faculdade trouxeram novas impressões psíquicas, o que confirma a afirmativa do autor Silva (2011), na qual considera a experiência como a verdadeira parteira da novidade, já que esta permite a constatação de algo para além do já conhecido.

Considerando a experiência como a verdadeira parteira da novidade, as barreiras para a realização desta traz a mesmice contraída em um tempo de reproduções de algo inumano,

pois a experiência genuína é aquela que não corresponde somente a estímulos para sobrevivência, mas sim o que permite a constatação de algo para além do já conhecido, que permite a alteração daquilo que se encontrava antes e agora transcende ao ato do mero sobreviver (SILVA, 2011).

Além disso, na fala de outra entrevistada, também há relatos que evidenciam a questão da experiência como atitude frente ao inesperado, que possibilita mudanças internas em relação ao modo de vida do sujeito, quando esta relata que morar sozinha fez com que se tornasse mais madura:

A mudança de casa, morar sozinha me trouxe uma maturidade. É uma experiência muito válida, de crescimento mesmo interno, de experiência de ter que se virar mesmo... acaba que isso tudo te fortalece e te transforma. Requer uma mudança interna mesmo. (Entrevistada E)

O relato da entrevistada E afirma que a experiência permite que o indivíduo possa reagir de forma consciente em relação a sua vida, já que a mesma o estimula a pensar e extrai potencialidades, até então, desconhecidas. Como mencionado, a experiência transforma o indivíduo, pois a cada nova experiência há a modificação do eu em relação ao mundo. É através de uma experiência genuína, que tenha sentidos e significados próprios para o indivíduo, que o contato com o novo se estabelece, e somente a partir disso que o indivíduo estabelece uma relação diferenciada consigo mesmo, já que a experiência traz mudanças internas, as quais sem ela essas mudanças não ocorreriam.

Contudo, na sociedade atual, meio ao bombardeamento de informações e automatização do ser em relação ao mundo e a si mesmo, há um esvaziamento de memória, já que, como mencionado pelo autor Trópia-Dias (2014), a capacidade de experiência se atrofia frente aos meios de distração ofertados pela indústria do prazer efêmero. Na busca por satisfações momentâneas se perde a possibilidade de maturação do contato, logo não permite a inscrição de memórias carregadas de sentidos e significados próprios para o indivíduo. Há poucas chances de se vivenciar experiências genuínas, e estas estão relacionadas ao contato do sujeito com o outro, com suas tensões, contradições e realidades, que só podem ser compreendidas através de um contato para além da superficialidade proporcionada pela mediação das relações dispostas por dispositivos eletrônicos e seus aplicativos.

Em meio à aceleração do tempo, como mencionado no referencial teórico, a experiência se torna escassa, já que o sujeito permanece num processo de adequação constante aos meios de produção capitalista. O denominado tempo livre, na verdade, se tornou uma extensão do tempo do trabalho, pois permanecemos conectados aos meios de produção

através das mídias. A tecnologia se apropriou de tal forma da vida do indivíduo, que quase não há espaços para constituição de novas experiências. O tempo livre tem se comprimido cada vez mais pelo uso incessante das novas tecnologias. Esse tempo, que seria destinado ao lazer e concepção do novo, se torna o tempo de produção de imagens e *status* nas redes sociais. Não há contemplação do momento vivenciado, mas sim a reprodução de “momentos” e aparição nas redes sociais, além disso, perde-se também na relação com o outro, pois a tecnologia passou a ser um novo modo de comunicação. Isso fica claro nas falas das entrevistadas, quando questionadas sobre as experiências perdidas pelo uso incessante das tecnologias no tempo livre:

Perde o contato mesmo com as pessoas, o contato com o olhar, contato das conversas. Eu acho que está todo mundo preocupado sempre com *status*. Por exemplo, numa praia é mais importante no Facebook do que para a própria pessoa mesmo. Fica muito mais focado na foto bonita, ao invés de aproveitar que está no mar para nadar. (Entrevistada B)

Perde a experiência do contato físico mesmo com a pessoa. Porque quando você está ali, usando o Whatsapp, você acha que não precisa estar ali pessoalmente na vida da pessoa. Perde essa experiência do convívio. (Entrevistada E)

Poderia ler mais, aproveitar a família, namorado. No tempo assim, às vezes você tem meia hora com seu namorado só, por exemplo, você fica 15 min. no celular. Eu acho que perco muito nesse sentido. Às vezes numa conversa que poderia ter alguém tá precisando de você e às vezes você tá preocupado com telefone, pensando no telefone, a gente não se entrega mais... (Entrevistada B)

Uma pessoa que é viciada e fica o tempo todo na internet, prejudica dela interagir com outras pessoas que estão próximas dela. As pessoas saem e elas não têm mais aquele meio de comunicação de sentar e conversar. Sempre vai ter alguém ou mais de uma pessoa com celular na mão. (Entrevistada C)

A tecnologia tornou-se meio de “tapar buracos” na vida do sujeito. Há pouca possibilidade de reflexão. O tempo que poderia ser destinado a outras atividades se torna somente mais um tempo de reprodução e absorção de reproduções alheias através das mídias sociais. Isso pode ser percebido claramente na fala de alguns entrevistados quando perguntados sobre o uso da tecnologia no tempo livre:

Gasto muito tempo no Whatsapp, não sei cronometrar por que é o dia todo... faço uma coisa, mas o celular sempre tá comigo. Isso acaba tirando o foco das coisas mais importantes, por exemplo, eu tô com um livro aqui e não consigo acabar. (Entrevistada D)

Procuro não olhar no serviço, mas quando tô em casa sempre olho redes sociais. No fim de semana, no dia-dia fico meia hora e saio, aí vou ali e faço alguma coisa e depois volto. (Entrevistada C)

A produção de indivíduos automatizados pela *indústria cultural*, acentuada pela

intensificação do uso das novas tecnologias no tempo livre atesta, como consequência, o empobrecimento de experiências capazes de contribuir para a formação de uma subjetividade diferenciada. O indivíduo absorve a todo tempo informações sobre modos de agir, se vestir, reproduzir e se comportar. A identidade do indivíduo se perde no meio de bombardeamentos de informações e reproduções de modos de agir automatizados. Há poucas brechas para a formação de um indivíduo diferenciado. Tal afirmação pode ser verificada através das seguintes falas:

Acho que ao mesmo tempo que a tecnologia pode trazer divulgação de coisas interessantes, de coisas boas, grupos de pesquisas, de notícias, mas ao mesmo tempo, acho que ela manipula as pessoas para uma ideia que não é da pessoa. Acho que as pessoas perderam até um pouco do senso, da consciência de pensar, de refletir, eu acho que é muito ir na onda, ir no que todo mundo está indo. (Entrevistada B)

É muita informação, muito conteúdo desenfreado, que nas maiorias das mídias sociais você não consegue filtrar. Vai no Facebook, você segue um milhão de pessoas, não dá pra filtrar, acaba que engolimos tudo aquilo de qualquer forma e aí você vai se perdendo de si, porque cada um posta uma coisa, cada um defende uma opinião. Hoje tá falando uma coisa e amanhã outra, hoje sentindo assim, amanhã assado, aí acaba que nos misturamos com coisas que não são nossas. Eu mesma já me peguei vestindo coisas que não é do meu, mas porque vi outras pessoas, entendeu? Aí paro e pergunto: quem eu sou? Porque estou agindo assim? Então eu vejo que tenho que filtrar as coisas. (Entrevistada D)

Mais utilizo o Instagram para acompanhar o que as pessoas estão fazendo, às vezes a gente se espelha em algumas pessoas. Essa questão de espelhar em outras pessoas são pessoas que a gente nunca viu, mas que começa a acompanhar e gostar do estilo da pessoa, da roupa que ela veste, da maquiagem que ela usa, do sapato. Aí quando você vê você já tá na rua procurando alguma coisa parecida. Acho que influencia assim, tipo, essas coisas de dieta, *crossfit*, aí a gente vê coisas de outras pessoas e vai atrás também. (Entrevistada C)

São apresentadas aqui trechos das falas de entrevistados que avaliaram a forma como a tecnologia influencia no modo de vida, possibilitando uma perda de identidade própria do indivíduo. Ainda, a influência das mídias na formação dos sujeitos chega a tal ponto, que o indivíduo se reconcilia consigo mesmo somente a partir da reprodução de outras imagens semelhantes à sua. Isso pode ser percebido na fala de uma entrevistada que diz se aceitar, somente depois de ser encorajada por outras pessoas que possuíam algo em comum:

Querendo ou não fui influenciada na aceitação do meu cabelo. Para mim não adiantava meu marido dizer que meu cabelo era lindo desse jeito. A partir do momento que vi na internet um monte de gente dizendo que dá para usar o cabelo cacheado, permiti me assumir mesmo. (Entrevistada A)

A tecnologia possibilitou diversos avanços na sociedade de modo geral. Nas questões relacionadas à comunicação, trouxe uma agilidade técnica que possibilita uma interação mais

constante entre indivíduos. Ou seja, a tecnologia atende as demandas de relações, contudo, de forma qualitativamente diferente. Através da mesma há a possibilidade de maior interação entre membros familiares, amigos e conhecidos que se encontram distantes, possibilitando a manutenção das relações, mesmo que de maneira superficial. Tal afirmativa pode ser considerada através da fala da entrevistada quando perguntada sobre os benefícios da tecnologia:

“Aproxima as pessoas longes, a pessoas tá em outra cidade então o único meio de comunicar com ela é através da internet. Aí traz ela mais para perto, a gente tá ali no dia-dia, de certa forma presente na vida dela.” (Entrevistada C)

Apesar de contribuir para a aproximação entre pessoas que se encontram distantes, a tecnologia, não só constitui meio de influências para modos de agir, mas também abre espaço para regressão das relações. Como mencionado no referencial, o autor Sennet (1999), afirma que na sociedade se instalou a ideia de que a proximidade entre as pessoas é um bem moral, devido a isso as relações são determinadas a partir da lógica de produção de que quanto mais, melhor. Entretanto, estas relações permanecem, ainda, na mesma lógica por qual se iniciaram, pela busca incessante de novos modos de distração que logo se tornarão entediantes e serão trocados por outras e assim sucessivamente. O que se perde com o avanço das comunicações é a possibilidade de um contato com o outro em sua realidade em benefício de um contato que permanece na superficialidade, bem como no reconhecimento do outro em sua aparência e não em sua essência, como levantado em falas da entrevista:

Acho que você tá ali acompanhando a vida de alguém que nem é tão próximo, não te agrega nada, é mais questão de lazer e esporte que as pessoas estão fazendo. É muito fútil, muito superficial. Você tá ali, vê o que as pessoas estão fazendo e pronto. (Entrevistada E)

Tenho Whatsapp e Facebook. Utilizo porque todo mundo utiliza. Não me acrescenta em nada, só pra ficar sabendo da vida do outro. Você vive em função de ver fotos, eu acho que isso impossibilita até um contato físico com a pessoa. Porque a partir do momento que você tá no Whatsapp conversando com a pessoa, você esquece que tem que estar com ela também. (Entrevistada E)

As relações assim se processam através de rápidas mensagens, na efemeridade das *redes sociais*, que substituem, na atualidade, o verdadeiro contato com o outro. Os conteúdos publicados nas *redes sociais* são previamente selecionados para a aparição do indivíduo de forma a aparentar o que se deseja, e é através disso que as pessoas se relacionam com o que se apresenta, ou seja, a forma de se vestir, as supostas ideias apresentadas, as viagens, etc. Tudo isso se apresenta de modo a aparentar uma proximidade com o outro. Porém, essa proximidade ocorre de forma superficial. Tal fato nos traz a reflexão sobre o quanto as

relações, que se expandiram através da utilização das *redes sociais* e aparatos midiáticos, carregam verdadeiros afetos e permitem uma experiência genuína voltada para a diferenciação, ou seja, para a autonomia dos indivíduos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a utilização da tecnologia no que seria denominado como tempo livre e o quanto a capacidade do indivíduo de se realizar, através de experiências, vem sendo perdida meio a fixação e aceleração da vida na organização da mesma na sociedade atual. Para tanto, se fez necessário abrir mão de conhecimentos prévios e mergulhar num estudo sistematizado sobre a questão da experiência e suas implicações no processo de formação de identidades autônomas. Além disso, reconhecer a tecnologia como instrumento capaz de desconfigurar elementos importantes na constituição do indivíduo, como as relações.

Considerando o conhecimento elaborado sobre o objeto de estudo trazido na presente pesquisa, pode-se considerar que a pesquisa é uma experiência na qual o indivíduo parte de um processo de contato com o objeto de estudo que deve ser realizado através do que Moura (2012) denomina como experiência, através de um processo que ocorre não somente em contato com a sensibilidade do objeto, mas também reconhecendo sua realidade e contradições, como realizado na presente pesquisa em relação ao tema proposto.

Através dos pensamentos dos autores da *Teoria Crítica da Sociedade*, entende-se que o homem é formado pela cultura. Portanto, com uma cultura que estabelece como civilizado a repressão das pulsões, através do conflito entre o particular e coletivo, o que resta ao indivíduo é buscar meios de satisfação alterada dos desejos. Esse conflito entre particular e coletivo se dá pela pressão externa, a cultura, que reforça o aprisionamento dos desejos em benefício da organização social. (FRANCISCATTI, 2005). O indivíduo então incorpora a lógica capitalista reproduzindo comportamentos estabelecidos pela cultura que visa à manutenção desse sistema através de ferramentas vendidas como meios de distração, como exemplo, os aparatos tecnológicos.

Cada vez mais o indivíduo busca se atualizar em relação ao uso dos aparatos tecnológicos, utilizando a tecnologia como modo de alcance ao modo de ser e agir contemporâneo. Tal modo se baseia na lógica capitalista de poder, na qual os indivíduos

buscam incessantemente serem interessantes e bem aparentados no meio social. As redes sociais se tornaram ponto de encontro de sujeitos direcionados a competitividade na busca de “realizações”. Há uma exaustiva produção de imagens, ideias e personalidades mascaradas pelo desejo da aparência. A lógica do consumo atingiu o que seria de singular no ser, a sua essência, que cada vez mais se perde em meio à rotineira busca por se encaixar no que seria o preceito da existência na sociedade contemporânea, baseando-se na busca de poder econômico e *status*.

O medo de se aventurar por experiências verdadeiramente novas, pelo que gera incertezas e produz sensações naturais ao que seria realmente a configuração do existir, paralisa o indivíduo e o pressiona a reforçar a busca por novidades efêmeras e vazias de significados. Tal realidade é evidenciada pela necessidade de consumo desenfreado do indivíduo. Além de satisfazer de forma rasa e momentânea, a busca por constantes *upgrades* configura a existência em uma rotina quase desumana, pois através da repetição constante do dia a dia produz, segundo Trópia-Dias (2014), um esvaziamento de memória, pois os comportamentos passam a ser apenas reflexos da organização social.

Obviamente que a tecnologia trouxe diversos resultados benéficos para a sociedade, de modo geral. A comunicação no século XVIII, por exemplo, se estabelecia por meio de cartas, as quais demoravam o prolongamento do tempo entre envio e recebimento de respostas. Com o avanço das tecnologias e a facilidade na comunicação, as mesmas possibilitam uma maior interação entre aqueles que estão longe, permitindo que familiares e amigos tenham mais contato que anteriormente a esses avanços. Toda agilidade técnica refletiu nos ritmos de produção das fábricas, que foram incorporadas pelos indivíduos e refletem nos modos de se relacionarem na atualidade. Portanto, aqui se reconhecem as facilidades da tecnologia, no entanto, buscou-se compreender o quanto a tecnologia influencia no comportamento dos indivíduos na sociedade capitalista, rebaixando possibilidades de realizações de atividades desvinculadas da lógica do lucro.

Como apresentado, a tecnologia vem sendo utilizada como meios de distração no decorrer do que seria denominado como tempo livre. Tal fato faz com que o indivíduo se mantenha ainda nos meios de produção capitalista, já que através das mídias sociais as classes dominantes fomentam o consumo através de modos de vestir-se, agir, comportamentos economicamente estabelecidos para a geração de lucro constante.

Considerando a pressão que a cultura potencializa na vida do indivíduo contemporâneo, entende-se que a psicologia, como ciência cujo objeto de estudo é a subjetividade, deve reconhecer tais determinantes sociais que influenciam diretamente na

causa dos variados sofrimentos psíquicos, como exemplo o estresse e a ansiedade. Portanto, os sofrimentos são também potencializados pela incorporação da lógica capitalista, a qual busca constantemente a competitividade e a produção em menor tempo possível.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisas quantitativas e qualitativas**. 2 ed. São Paulo: Editora Pioneira, 1999.

BLEGER, José. **Temas de psicologia: Entrevistas e grupos**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

CHAVES, Juliana de Castro. **A obstrução dos sentidos no impedimento da experiência: possibilidade de rompimento dessa realidade na catarse da arte**. Psicologia Social e Políticas Públicas – Saberes e Práticas Psicosociais. São João del-Rei: UFSJ, 2004.

CROCHIK, José Leon. **Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia**. *Psicol. USP* [online]. 1998, vol.9, n.2, pp.69-85.

DRAWIN, Carlos Roberto. **Subjetividade e teoria crítica da sociedade**. Psicologia em revista, Belo Horizonte, 2013.

FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. **Sentidos e Cansaço: Reflexões acerca do entrelaçamento prazer-medo e das mutilações de contato**. Psicologia Social e Políticas Públicas – Saberes e Práticas Psicosociais, 2005.

MATOS, Olgária. **Tempo sem experiência**. Disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2009/06/09/integra-tempo-sem-experiencia-olgaria-matos/>. Acesso em: 21 maio de 2016.

MOURA, Cláudia Helena Gonçalves. **Experiência e racionalidade: inspirações para uma educação crítica**. PPGPSI/UFSJ -2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 4 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

PEDROSO, Júlio Cesar. **Desenvolvimento e tecnologia nos movimentos sociais: um estudo sobre a cultura digital e os pontos de cultura**. UNESP/ Rio Claro – SP- 2013.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEVERIANO, Maria Fátima Vieira. **A juventude em tempos acelerados: reflexões sobre consumo, indústria cultural e tecnologias informacionais**. Revista de Ciências Sociais, 2013.

SILVA, César Augusto Alves. **A questão da experiência em Marx, Benjamin e Adorno e suas implicações**. Editora Aurora, 2011.

TRÔPIA-DIAS, Fernando Cotta. **O tédio como gris administrado: dos limites da organização do trabalho aos impasses da psicologia**. PPGPSI/UFSJ -2014.

VOIROL, Olivier. **Teoria Crítica e pesquisa social: da dialética à reconstrução**. São Paulo, 2012.